

JUNTANDO FRAGMENTOS E ENSAIANDO NOVOS CAMINHOS AS ESTRATÉGIAS CRIATIVAS DE LIBERTAÇÃO DO POVO NEGRO COMO TÓPICO DE TEOLOGIA

Faustino dos Santos¹

Resumo

O povo negro, ainda que “assombrado” por uma tradição de sofrimento e opressão iniciada no tempo da escravidão, junta seus fragmentos e ensaia caminhos de esperança para o enfrentamento das forças que o marginalizam e faz morrer. Utilizando estratégias criativas de libertação, esse povo de memória subverte narrativas de opressão e antecipam em suas vidas o símbolo da ressurreição. Ou seja, por meio de suas estratégias de libertação, o povo negro faz a vida triunfar sobre a morte e ilumina os caminhos assombrados pelo passado escravista. É sobre a capacidade do povo negro de manter-se vivo apesar de um *status quo* que dita o contrário que esse trabalho se ocupa. Metodologicamente, para costurar essa abordagem, esse trabalho se nutre sobremaneira de algumas reflexões teológicas desenvolvidas por Gustavo Gutiérrez embora outros autores sejam convidados ao diálogo.

Palavras-chave: Povo Negro. Memória. Libertação.

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho é uma pequena parte de uma abordagem mais ampla e complexa ainda em desenvolvimento situada nos campos da antropologia teológica e teologia construtiva. No entanto, ao invés de considerar o sujeito humano de modo geral, tal como foi a proposta fracassada do Iluminismo que priorizou no centro da sua reflexão o homem branco europeu, essa aproximação quer nomear um outro sujeito que foi esquecido e vilipendiado, bem como considerar o seu lugar. Nesse sentido, o humano aqui colocado como central nessa reflexão é a pessoa negra (pretos e pardos), que vive em contexto afro-diaspórico (Américas) e que continua

¹ Doutorando em Teologia Sistemática na Universidade de Fordham, Nova York-EUA, mestre em Teologia Prático-Sistemática na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Email: faustinosantos17@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4512-7940>

sendo vítima dos apagamentos históricos e muitas outras formas de vilipêndios.

Embora o pecado social (escavidão, racismo, etc.) infligido sobre as pessoas e os corpos negros nesse contexto determinado seja uma realidade que não pode ser esquecida porque é parte da constituição e das interações inseparáveis com a história do cristianismo tanto católico quanto protestante, esse trabalho quer destacar como essas pessoas, vítimas das transgressões do *humanum* foram e são capazes de, como o título sugere, juntar fragmentos e ensaiar novos caminhos apesar das forças contrárias que se impõem contra/sobre elas. Para fazer isso, trabalharemos em três sessões. A primeira quer destacar que o povo negro é um povo de memória e que, portanto, qualquer tentativa de apagamento da sua memória é um atentado a sua capacidade de rebeldia. A segunda parte trata de modo breve e localizado sobre o que eu estou chamando de estratégias criativas de libertação. E a terceira parte que também é a parte conclusiva, trata de um olhar teológico às estratégias de libertação do povo negro com ênfase à antropologia teológica.

2 UM POVO DE MEMÓRIA

Costuma-se dizer que "quem tem memória é quem mais sofre" e "quem apanha nunca esquece". Ambas as afirmações deixam entrever um aspecto traumático em quem é derrotado, cuja memória do sofrimento parece ser tão marcante que é impossível de ser esquecida. Gustavo Gutiérrez nos oferece algumas reflexões sobre o elemento da memória do povo pobre e oprimido em algumas de suas obras que consideramos a seguir.

Na obra "Em busca dos pobres de Jesus Cristo" dedicada a Bartolomé de Las Casas, Gutiérrez tratando da memória do povo diz que "um povo amnésico é um povo instável, sujeito a vicissitudes históricas, sensível à palavra interessada e mentirosa" (Gutiérrez, 1993, p. 413). Falando sobre o poder infligido sobre o povo oprimido, Gutiérrez continua dizendo que um artifício dos vencedores é tentar apagar e falsear a memória dos vencidos.

O modo como Gutiérrez pondera esse elemento faz recordar algumas situações que foram impostas aos negros extirpados do continente Africano para as Américas: o ritual das voltas em torno da “árvore do esquecimento” - cuja comprovação história é posta em questão mas que aqui nos interessa a simbologia que representa - a que os negros africanos eram obrigados a fazer a mando dos traficantes antes de embarcarem nos navios negreiros “para não levarem consigo suas memórias, suas crenças, sua cultura e esquecerem a dor e a humilhação sofridas [... e não] se rebelassem fisicamente e lançassem maldições ou feitiços sobre seus algozes” (Moura 2010, p. 16); a desapropriação do nome por meio do batismo cristão no qual “após ser batizado [...] o cativo recebia um nome cristão [...] que] passava a ser o nome presente nos documentos escritos” e, portanto, objeto de identificação social (Palma; Truzzi, 2018, p. 314).

Essas considerações sobre o atentado à memória do povo negro estão associadas ao aspecto do sofrimento e, como tal, são tentativas de mutilação da força desse povo. Tal como Gutiérrez diz: “falsear a memória de um povo oprimido é mutilar sua capacidade de rebeldia” (Gutiérrez 1993, p. 415). No entanto, é importante ter em conta que a memória tem um elemento de esperança. Vamos tomar aqui o que Gutiérrez chama de “abertura ao futuro” e que tem a ver com o vínculo da memória ao elemento da libertação.

Fundamentando a memória a partir da experiência do povo de Deus na Bíblia, Gutierrez pontua a importância da memória enquanto evocação dos acontecimentos do passado a fim de fazer presente a ação libertadora de Deus por meio da aliança que fez com seu povo. Ele fala da memória como “condição de uma liberdade criadora”. Ou seja, do povo que saiu do Egito movido e motivado por uma perspectiva nova a partir da abertura aos caminhos da libertação. Essa narrativa se assemelha à experiência do povo negro escravizado que jamais perdeu seu propósito de viver *a e na* liberdade. Mesmo sendo reduzido à categoria de valor comercial e tendo seu corpo como arma de trabalho, o povo negro nunca deixou sua memória ser violada.

Utilizando a frase de Gutiérrez em sentido positivo, diríamos que “a força do povo resiste na sua memória.” A agressiva travessia transatlântica embora rompendo laços, violando corpos e criando barreiras não fez com que o povo negro deixasse de resistir e reexistir. Esses dois verbos são centrais nessa reflexão e, portanto, chaves de leitura pelos quais se deve ler a experiência negra na diáspora. Como nos diz Moura, "defender a idéia de reexistência significa dizer que os saberes e as crenças, a lógica e a visão de mundo, assim como a arte africana não foram perdidas no Atlântico e nem sofreram os efeitos da 'Árvore do Esquecimento', porque estão inscritos na memória ancestral e nos códigos corporais que cada um traz consigo" (Moura, 2010, p. 17). A resistência e a reexistência são marcas indelévels do desejo e das aspirações do povo pela sua libertação. Libertação é um direito intrínseco e inviolável do ser humano especialmente dos mais pobres e sofredores.

3 O POVO NEGRO E AS SUAS ESTRATÉGIAS DE LIBERTAÇÃO

Ao destacarmos a memória enquanto recordação do sofrimento e abertura à libertação, não estamos falando simplesmente de uma recordação nostálgica do povo. Queremos destacá-la como Gutierrez a define, ou seja, como "uma fonte de energia, de vontade histórica, de rebeldia" contra as forças que o oprime. Dito de diferente modo, o povo tem "uma memória subversiva que alimenta a firmeza das posições, se nega a compromissos e ao uso de um vocabulário ambíguo, que aprende dos fracassos e sabe, porque experimentou, que pode superar os obstáculos e a repressão" (Gutiérrez 1979, p 139).

A força do povo negro é o motivo da sua reinvenção e o adubo que faz com que as suas raízes brotem em solo diferente e de modo completamente novo. A resistência do povo é o que alimenta suas estratégias criativas de libertação. O filósofo quilombola brasileiro Antônio Bispo dos Santos, mais conhecido como Nêgo Bispo, expressou a importância disso nos seguintes termos: "Nós temos que alimentar a nossa

trajetória, porque uma trajetória alimentada nos mantém [...] e o que nos mantém com toda essa força [...] é a nossa memória [...]. Nós somos povos das memórias" (Bispo dos Santos, 2023, 23:20'). Tal afirmação nos ajuda a entender que pelo artifício da memória, da transmissão dos saberes, dos gestos, o povo vai resistindo e reexistindo. Gutierrez colabora com esse pensamento quando diz que a memória do povo "vive em expressões culturais, na religião popular, na resistência a aceitar imposições do aparato eclesástico [...]" (Gutiérrez 1979, p. 370). O povo negro reinventa a comida, recria os laços familiares, adapta a religião, transforma a língua e os costumes. Esse processo de sobrevivência o povo negro faz não somente consigo, mas também com o que lhe é imposto.

A criatividade é uma marca característica do povo que busca a libertação. O modo criativo de viver nas formas da resistência e sobrevivência do povo oprimido é um ponto de contradição e incompreensão aos olhos opressores pois estes, além de não entenderem a alegria e o entusiasmo de viver do povo oprimido, acham que eles não são merecedores deles.

Entre os exemplos que podem ser dados para justificar o que aqui chamamos de estratégias criativas de libertação do povo negro, um deles tem a ver com os modos como o povo negro entendeu e assimilou os ensinamentos cristãos mesmo frente à violenta imposição da fé pelos europeus. Antônio Aparecido da Silva (Pe. Toninho) diz que "os negros das Américas e do Caribe não tiveram maiores problemas em acolher Jesus Cristo. A figura de Jesus Cristo não só não constitui problema para eles, como é uma expressão concreta da sua fé libertária" (Silva, 1998, p. 37). Os negros, no entanto, assumem e assimilam a fé em Jesus a partir das suas próprias perspectivas. Esse modo de aceitação da fé torna a experiência cristã negra bastante singular. Em consideração à Evangelização na América Latina, Gutiérrez diz que "os índios, negros e mestiços que receberam o evangelho encontram nele razões para repudiar a opressão a qual são submetidos. Lêem o Evangelho a partir de sua situação e da sua própria cultura, isto dá lugar a enfoques que não correspondem à ortodoxia tradicional" (Gutiérrez,

1979, p. 344). Antônia Aparecida Quintão diz que essa “maneira de o negro manifestar a sua devoção incomodava, preocupava e causava temor” (Quintão, 2007, p. 13). Confrarias e Irmandades Negras são exemplos dessa interpretação da fé. Esses espaços “possibilitava uma existência mais autônoma para escravizados e libertos na sociedade escravista e racista” (Santos, 2020, p. 11). Entre as suas práticas, as irmandades zelavam pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, apoio à libertação dos negros escravizados, bem como celebração e expressões da fé de modo bastante expressivo. Quintão explica que a razão por que as pessoas negras entraram nas irmandades “representava reconhecimento social, possibilidade de contatos, socorro nas aflições, certeza de um enterro digno e uma tentativa de contornar os preconceitos sociais e raciais” (Quintão, 2007, p. 20). Um interesse curioso dos negros a se filiarem às irmandades tem a ver com a garantia por um lugar onde pudesse dignamente se enterrar. Essa era uma garantia àqueles que eram “frequentemente abandonados por seus senhores na porta das igrejas ou nas praias, para que fossem levados pela maré da tarde” (Quintão, 2007, p. 20).

A estruturação e manutenção das irmandades ou confrarias negras como resultado da assimilação e adaptação do catolicismo no Brasil é envolto em uma complexidade criativa que tem a ver com as estratégias de resguardo e manutenção das expressões artísticas, culturais, linguísticas e religiosas do povo negro. Em se tratando da preservação das formas da religiosidade africana, que precisam ser admitidas pela Igreja como essenciais formas de reexistência do negro no Brasil, Mônica Mainarte de Moura diz que isso “contribuiu para que a manifestação da religiosidade africana fosse reprimida. Mas, além de resistir em sua forma mais próxima aos cultos africanos, ela ‘reexistiu’, adaptando, mudando e transformando tanto a si como ao próprio catolicismo” (Moura, 2010, p. 16).

A intersecção entre o catolicismo e as religiões dos negros africanos possui um duplo movimento. Do ponto de vista das religiões de matriz africana, essa intersecção foi sofrida e difícil porque elas foram marcadas pela crítica cristã colonizadora como sendo referências ao mal, ao

demônio, ao que não presta etc. Aos negros, que também tinham sua religiosidade como sendo constitutivo das suas vidas em África, custou a utilização do simbolismo católico para levar a diante sua fé e crença. Razão por que até hoje é comum encontrar nos terreiros das religiões de matriz africana, ou mesmo no imaginário popular de boa parte da comunidade negra, a associação simbólica de alguns santos com os orixás. Do ponto de vista do catolicismo, em vários lugares, especialmente onde o contingente populacional negro é predominante, há a entronização de gestos, expressões, roupas, danças, músicas e festividades característico da vida africana ou afro-brasileira no rito católico. Um exemplo disso é a Igreja do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho em Salvador, estado da Bahia que possui uma característica própria e "relevância simbólica" dessa encruzilhada entre os símbolos católicos e do candomblé.

Se do lado africano é possível inferir a criatividade do povo negro na manutenção e perpetuação da sua memória religiosa pelo refazimento dos seus cultos, símbolos e sentidos nas imagens e expressões católicas, do lado católico ainda em reconciliação com a negritude e suas variadas expressões vitais, há uma espécie de dívida já que o que se conhece do catolicismo no Brasil hoje certamente é porque a comunidade negra criativa e ressignificadamente colaborou assumindo para si a fé cristã e católica e a faz crescer, ainda que de modos particulares em cada realidade onde essas encruzilhadas atuaram mais fortemente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: OLHAR TEOLÓGICO ÀS ESTRATÉGIAS DE LIBERTAÇÃO DO POVO NEGRO

O exemplo das confrarias e irmandades é um entre tantos exemplos que podem ser sinalizados como essas estratégias de libertação funcionam. Mas poderíamos ir além e falar da arte, comida, dança, comportamento social, música, poesia etc. Tais estratégias são formas de sobrevivência encontradas pelo povo negro no passado e prolongadas no presente para existir e resistir em meio às condições desumanas e de opressão que lhes

foram impostas.

Atualmente, as forças de opressão e marginalização do povo negro mudaram de formato, mas não de densidade. Se no passado havia instituições que oprimiam a pessoa negra, no presente há marcas da discriminação do negro nas instituições e no sistema social que perpetuam tais opressões nas formas mais diversificadas do racismo. Tal tema requer atenção de todos os lados, inclusive e sobretudo da teologia que deve se perguntar o que significa ser humano feito *imago Dei* em um corpo negro afro-diaspórico num sistema estruturalmente opressivo que fomenta formas de marginalização, exclusão e preconceito da pessoa negra, arrancando dela essa capacidade de ser imagem do seu Deus e Criador e que lhe arranca a sua vocação filial? Se entendemos a antropologia teológica enquanto “busca por entender o sentido e o propósito da existência humana no contexto da revelação divina” (Copeland, 2023, p. 15), então precisamos considerar todo e qualquer recurso encontrado pelo povo negro para existir e, portanto, refletir a imagem de Deus, como tópico de teologia, ainda que nossa compreensão não alcance ou nossa “ortodoxia” julgue como desapropriado.

Sabemos que a teologia antropológica considera ao menos três convicções nessa leitura humana à luz da revelação divina: os seres humanos 1. são criados a imagem e semelhança de Deus e tem uma distinta capacidade de comunhão com Deus, 2. têm um lugar único no mundo criado por Deus, 3. são feitos para a comunhão com outros seres criados (cf. Copeland, 2023, p.15). Qualquer violação de alguma dessas convicções não fere somente o ser humano, mas fere também e, sobretudo ao seu Criador. Nesse sentido, compete à teologia, que tem como uma de suas atribuições se colocar a serviço da libertação do povo, não somente encontrar meios de dizer ao povo negro que Deus o ama - mesmo tendo esse povo no percurso do tempo enfrentando os pesadelos da dor, da separação, do preconceito e da morte, atualizados no presente nas formas do racismo estrutural -, mas também falar da experiência de libertação e ressurreição que esse povo já ensaia e vive por meio das suas formas criativas de

libertação que precisam ser integradas aos temas de interesse da teologia produzida no território afro-diaspórico.

Se tomamos o esquema proposto por Gutiérrez e entendermos a teologia como ato segundo, ou seja, como reflexão da espiritualidade/práxis do povo (cf. Gutiérrez, 2000, p. 68), então a teologia feita sobretudo nesses espaços, no nosso caso o Brasil, precisa encontrar espaço para falar das experiências de refazimento do povo negro como um tópico indispensável. Tal consideração assume, portanto, Deus é solidário com o seu povo (povo negro) não somente no seu sofrimento (cruz) mas também e sobretudo na sua libertação (ressurreição). Esse é o tópico da Teologia. Não adianta continuar reproduzindo os conceitos universais europeus, sobretudo aqueles colonizadores enquanto não conseguimos encontrar a carne da teologia no lugar em que estamos.

REFERÊNCIAS

- BISPO DOS SANTOS, Antônio Bispo [Nêgo Bispo]. *Raízes da memória negra: ancestralidade e resistência no silêncio e na voz*. Instituto Ibirapitanga. Seminário Memória, reconhecimento e reparação com Conceição Evaristo e Nêgo Bispo e mediação de Tássia Mendonça. Mesa de discussão disponível no Canal do Youtube do Instituto Ibirapitanga, 2023
<<https://youtu.be/UEixrAr8fL0?feature=shared>>. Acesso em 11 set. 2024.
- COPELAND, Shawn. *Enflesing freedom: body, race and being*. Ed. 2. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2023.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Las Casas: in search of the poor of Jesus Christ*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1993.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *La fuerza historica de los pobres*. Lima: Centro de Estudios y Publicaciones (CEP), 1979.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *On Job: God-Talk and the Suffering of the Innocent*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1987.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: Perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *The density of the present: selected writings*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1999.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *We drink from our own wells*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1984.

MOURA, Mônica Mainarte de. *O revés da árvore do esquecimento: A religiosidade africana reexistindo nos corpos e memórias dos jovens e adultos*. Conclusão de Curso de Especialização em História da África e Cultura Afro-brasileira, UFMG, 2010.

PALMA, Rogerio da; TRUZZI, Oswaldo. Renomear para Recomeçar: Lógicas Onomásticas no Pós-abolição. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 61, no 2, p. 311-340, 2018.

QUINTÃO, Antônia Aparecida. *Professora, existem santos negros?: história da identidade negra*. V. 8. Coleção Percepções da Diferença: Negros e Brancos na Escola. São Paulo: NEINB/USP, 2007.

SILVA, Antônio Aparecido da. (Org.). *Existe um pensar teológico negro?* São Paulo: Paulinas, 1998.

PÁDUA, Jorge Hage. Teologia negra da libertação: Expressão teológica dos oprimidos na América Latina. *Estudos Teológicos*, v. 39, n. 2, 1999, p. 143-166.

WILMORE, Gayraud S., CONE, James H. *Teologia negra*. São Paulo: Paulinas, 1986.